



Mural pintado pelo artista italiano Aldo Locatelli em 1953 no terminal do antigo Aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre, atravessa a história da aviação

ACONTECE

Painel de Locatelli terá projeto de conservação

Joana Luna Camargo
joanac@jcrs.com.br

Imagine o esmalte descascando da unha, mas numa obra de arte de 50 metros quadrados que não pode ser refeita. É essa a imagem que a arquiteta urbanista e restauradora Verônica Di Benedetti usa para explicar o estado atual de A Conquista do Espaço, painel mural pintado em 1953 pelo italiano Aldo Locatelli no saguão do antigo Aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre. Depois da enchente de 2024 e de vazamentos no telhado do prédio, a obra passou a receber, a partir deste mês, um projeto de conservação, iniciado em paralelo à mostra Casa Cor 2026, que ocupa o espaço do aeroporto.

Locatelli chegou ao Brasil em 1948 e, em 1953 deixou no painel uma narrativa que atravessa a história da aviação, retratando Leonardo Da Vinci, que no século 15 projetou a máquina voadora, e destacando Santos Dumont como pai da aviação - uma ver-

são contestada por outros países. “A obra está numa posição que tem relevância pela história que conta, pela técnica que foi produzida e peça própria significância dentro de um prédio de arquitetura moderna”, explica Verônica, lembrando que o mural também cumpre um papel arquitetônico: nos prédios modernistas, como o antigo Salgado Filho, era comum que a arquitetura viesse acompanhada de elementos artísticos complementando a construção. A obra foi pintada com uma técnica mista de têmpera de ovo e tinta a óleo, usada por Locatelli para trabalhar sombras, sobre um reboco original de 5 centímetros de espessura, feito só de cal e areia, sem nenhum traço de cimento - espessura que hoje sequer seria permitida pelas normas técnicas de construção.

Antes da enchente, o painel já precisava de atenção. Agora, a umidade acumulada, somada a vazamentos no telhado, provocou uma proliferação intensa de fun-

gos e mofos, além do descolamento da película pictórica - a camada de tinta em si. “Imagina uma parede mofada, já é desagradável, agora imagina um painel artístico de 50 metros quadrados”, compara Verônica. Por ora, o projeto está em fase de pré-produção, onde a equipe, que conta também com a restauradora Phd. Leonora Rosenfield e a produção cultural de Juliana Tonini, organiza o cronograma para a coleta de amostras dos micro-organismos, que serão levadas a laboratório para identificação e testes com biocidas. Também, nesta etapa, acontecem os testes com consolidantes que vão colar de volta as áreas de tinta soltas - um processo que a arquiteta reafirma a necessidade de ser reversível, sob pena de repetir casos históricos de restauro: “Caso em algum momento entendamos que aquilo não foi bom”.

O processo mais caro é a reagentinação do substrato - o reboco sobre o qual a pintura foi feita, hoje descrito por Verônica como

“polvoroso”, quase se desmanchando. Para viabilizá-la, o projeto prevê ainda o desenvolvimento de uma ferramenta de medição inédita no Brasil, baseada na experiência do biólogo alemão radicado no País Markus Wilimzig. O equipamento permitirá avaliar a consolidação do substrato sem danificar o painel - e, segundo a equipe, pode no futuro ser usado em outros patrimônios históricos do Brasil.

O projeto, sem interrupções, deve durar 8 meses e foi aprovado pela Lei Rouanet, com patrocínio de R\$ 200 mil da concessionária Fraport Brasil - valor que cobre apenas as etapas iniciais de diagnóstico e testes dentro de um orçamento total estimado em R\$ 700 mil. “Esperamos que até o final da Casa Cor, tenhamos mais aportes financeiros”, diz a arquiteta. Empresas tributadas pelo Lucro Real podem destinar até 4% do Imposto de Renda devido ao projeto, enquanto pessoas físicas podem contribuir com até 6% - a contra-

partida que inclui a exposição da marca.

Durante a Casa Cor 2026, a proposta ainda vai oferecer visitas guiadas a escolas, arquitetos, engenheiros e público em geral, para educar sobre a história do painel, conservação e restauração. “Você não cuida daquilo que você não sente que lhe pertence. E você só sente que lhe pertence quando você entende e conhece”, resume Verônica, destacando a importância de compartilhar o conhecimento técnico com a comunidade.

Para a restauradora, o painel também carrega uma camada afetiva. “Eu tenho lá minhas fotos de criança quando ia esperar minha avó que vinha uma vez por ano de São Paulo nos visitar”, lembra, mencionando o antigo restaurante no terraço do aeroporto. “Quantas pessoas também não têm uma história relacionada ao aeroporto”, questiona, na esperança de que essas memórias ajudem a sensibilizar novos patrocinadores para a conclusão do projeto.